

PRESENZA AGOSTINIANA

edição digital

janeiro / fevereiro 2025 - nº 1

VOTOS RELIGIOSOS

elemento de identidade
da vida consagrada



TEOLOGIA

perspectivas canônicas,
morais e culturais

LITURGIA

partes principais do rito
da Profissão religiosa

UMILDADE

evolução histórica
do quarto voto

CONSAGRAÇÃO

na visão da sociedade
contemporânea





Presenza Agostiniana

Revista bimestral - Agostinianos Descalços

Ano LII (52) - nº 1 (vol. 273)

edição digital

janeiro - fevereiro 2025

Diretor responsável

Calogero Ferlisi (Fr. Gabriele, oad)

Redação e administração

Cúria geral da Ordem dos Agostinianos Descalços

Piazza Ottavilla, 1 - 00152 - Roma (Itália)

e-mail: curiagen@oadnet.org

Tel.: +39 06 589 6345

WhatsApp: +39 324 089 3400

Capa, paginação e publicação

Fr. Diones Rafael Paganotto, oad

Imagem da capa

Mãos com vela acesa em alusão à consagração religiosa,
designed by Freepik

Todos os volumes - online

oadnet.org/presenza-agostiniana/

Colaboração e doação

* [PAYPAL](#) ou [CARTÃO](#) (crédito ou débito)





EDITORIAL

votos religiosos como elemento de identidade da vida consagrada

Caros leitores,

nesta edição de *Presença Agostiniana*, dedicada ao significado e à importância dos votos religiosos, mergulhamos no coração da vida consagrada, buscando compreender e valorizar o profundo significado de uma escolha que desafia as lógicas do mundo.

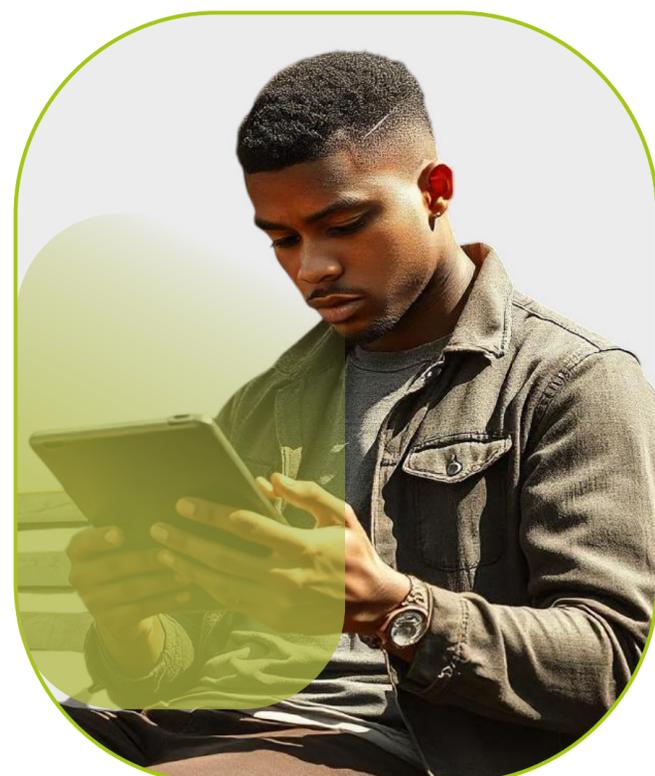
Pobreza, castidade e obediência não são apenas promessas solenes, mas instrumentos de transformação que iluminam o caminho dos consagrados e da comunidade eclesial.

Em um mundo que frequentemente exalta o individualismo, os votos religiosos são um chamado contracorrente: um convite a viver pelo bem comum, a buscar o essencial e a deixar-se guiar pela sabedoria de Deus.

Convidamos cada leitor a explorar conosco, nesta edição, os testemunhos

e reflexões daqueles que abraçaram esses votos com alegria e dedicação. Que estas páginas sejam um sinal de esperança e um convite para todos redescobrirem a beleza de uma vida dedicada ao Evangelho.

Boa leitura, com o desejo de que a sabedoria de Santo Agostinho continue a nos iluminar.



SUMÁRIO

um convite à leitura

- 05** **IIIMPORTÂNCIA DOS VOTOS**
na vida consagrada de hoje
Fr. Gregorio Cibwabwa, oad
- 09** **TRÊS COLUNAS**
os conselhos evangélicos na espiritualidade dos Agostinianos Descalços
Fr. Angelo Grande
- 13** **TEOLOGIA DOS VOTOS RELIGIOSOS**
perspectivas canônicas, morais e culturais
Fr. Annacletus Nzewuihe, oad
- 20** **QUARTO VOTO**
evolução histórica do voto de humildade nos Agostinianos Descalços
Fr. Gabriele Ferlisi, oad
- 26** **CAMINHO PARA A PROFISSÃO RELIGIOSA**
torne-se um com Cristo
Fr. Epaphroditus Fau, oad
- 30** **VOTOS RELIGIOSOS**
na visão da sociedade contemporânea
Fr. Márcio dos Santos Silva, oad
- 33** **LITURGIA DOMENICAL COM SANTO AGOSTINHO**
março/abril de 2025
- 37** **ALGUMAS FOTOS**
compartilhando um pouco da nossa vida
- 43** **MENSAGEM DO PRIOR GERAL**
os votos como identidade agostiniana
Fr. Nei Márcio Simon, oad



Fr. Gregorio Cibwabwa, oad

IMPORTÂNCIA DOS VOTOS na vida consagrada de hoje



Resumo: a vida consagrada hoje destaca a centralidade dos conselhos evangélicos e seu desenvolvimento teológico.

Ela passou de uma visão de distanciamento do mundo para uma integração harmoniosa com ele, conforme expresso nos documentos do Concílio Vaticano II.

Atualmente, há muitos desafios, incluindo a globalização, a secularização e a

crise vocacional, que resultaram em uma diminuição numérica e no envelhecimento dos religiosos, especialmente na Europa e na América do Norte.

A inculturação na vida religiosa é um dom, pois as diferentes culturas podem enriquecer o carisma original dos institutos, transformando-os em espaços de encontro entre fé e diversidade cultural.

"A pessoa consagrada, por meio da profissão dos conselhos evangélicos, assume uma forma estável de vida, na qual, seguindo Cristo mais de perto pela ação do Espírito Santo, se entrega totalmente a Deus, amado acima de todas as coisas. Dessa forma, dedicando-se com um novo e especial propósito à sua honra, à edificação da Igreja e à salvação do

mundo, é capaz de buscar a perfeição da caridade no serviço ao Reino de Deus e, tornando-se um sinal luminoso na Igreja, antecipa a glória celeste" (Código de Direito Canônico, cân. 573).

A reflexão sobre os conselhos evangélicos representa, sem dúvida, um ponto fundamental da vida consagrada de ontem, de hoje e de sempre. As



inúmeras afirmações do Concílio Vaticano II demonstram o quanto esse tema è central.

Neste artigo, gostaríamos de aprofundar alguns aspectos da vida consagrada que consideramos significativos do **ponto de vista teológico**, com especial referência ao período pós-conciliar.

1. Os conselhos evangélicos na visão teológica atual

O ponto de encontro de múltiplas reflexões e estudos sobre a vida cristã e consagrada do homem contemporâneo pode ser encontrado nesta afirmação de Paulo VI no discurso de encerramento do Concílio: *"Não há uma alternativa entre Deus, Cristo, a Igreja e o mundo, mas Deus, Cristo e a Igreja são realidades intimamente unidas ao mundo"*.

Essa forma de conceber a **relação entre Deus e o mundo** influenciou a visão dos conselhos evangélicos, tradicionalmente delineada por uma longa tradição de mestres da vida espiritual.

No passado, a vida religiosa era frequentemente definida como um "Sim" a Deus e um "Não" ao mundo, segundo o princípio da *fuga saeculi* (fuga do mundo). Esse pensamento dominante enfatizava uma clara preferência pelo Reino

de Deus em relação às realidades terrenas. No entanto, è fundamental contextualizar historicamente esses estudos para evitar uma abordagem anacrônica.

Na *Lumen Gentium*, o princípio fundamental è expresso no título do capítulo V do documento: *A vocação de todos à santidade na Igreja*.

Esse princípio esclarece o que foi dito anteriormente: *"A união de Cristo e da Igreja com o mundo permite que, em qualquer parte do mundo e em qualquer estado de vida, a santidade cristã possa e deva florescer"*.

Deus pode e deve ser encontrado em todos os lugares, e a santidade torna-se um compromisso inegociável para todos. Nessa visão, o mundo è valorizado e não rejeitado, o que teve um impacto significativo na atualização da vida religiosa..

A *Gaudium et Spes* è o documento-chave que expressa a confiança da Igreja no mundo moderno. A esse respeito, Paulo VI afirmava no mesmo discurso de encerramento do Concílio: *"Não podemos deixar de destacar uma observação fundamental ao examinar o significado religioso deste Concílio: ele esteve profundamente interessado no estu-*

do do mundo moderno. Talvez nunca antes, como nesta ocasião, a Igreja tenha sentido tão fortemente a necessidade de reconhecer, aproximar-se, compreender, penetrar, servir e evangelizar a sociedade ao seu redor, acolhendo-a, quase correndo atrás dela em sua rápida e contínua transformação".

Essa valorização do mundo levantou novas questões sobre os conselhos evangélicos, cuja prática implica uma **limitação** na afirmação de três tendências fundamentais do ser humano: a sexualidade, a posse de bens materiais e o exercício do poder.

Atualmente, há um consenso geral em rejeitar qualquer visão dos conselhos evangélicos que implique um dualismo maniqueísta, como se a renúncia ao matrimônio e à riqueza fosse motivada pela rejeição de um mal intrínseco. Esse erro já foi totalmente superado no que diz respeito à sexualidade e deve ser evitado também na justificação dos conselhos evangélicos, para que não se baseiem em uma visão antropológica equivocada. Essa conscientização é fundamental no processo de revisão das regras de cada Instituto religioso.



2. Alguns desafios da vida consagrada

Entre os inúmeros desafios que o mundo e a Igreja apresentam hoje à vida consagrada, queremos destacar aqueles que derivam, por um lado, da globalização e, por outro, da experiência de uma Igreja universal.

A **globalização** transformou o mundo em uma aldeia global, encurtando

distâncias e facilitando conexões entre os povos. No entanto, além de suas vantagens, ela também traz um processo de exclusão que acentua as desigualdades entre ricos e pobres. Além disso, é frequentemente criticada por sua abordagem uniformizante, que impõe um sistema econômico, uma visão filosófica e um modelo cultural homogêneo. Nesse contexto, a busca incessante pelo lucro e o desprezo pelos princípios éticos e

morais reforçam um estilo de vida secularizado. No mundo globalizado, a **secularização** provocou uma profunda crise na vida consagrada na Europa Ocidental e na América do Norte, uma crise que pode se estender a outras partes do mundo. Aqui estão algumas manifestações dessa crise.

a) Diminuição e envelhecimento dos membros

Uma das evidências mais recentes da diminuição do número de sacerdotes e religiosos na Europa e na América do Norte é o contínuo processo de fusão de Paróquias e Províncias de institutos religiosos (em nosso caso, a fusão das quatro Províncias na Itália em uma única Província ocorreu há 25 anos). A redução e o envelhecimento dos membros levaram muitas congregações religiosas a se expandirem para outros continentes (África, Ásia, América Latina). Com o avanço da idade dos membros, há uma tendência ao **declínio da vitalidade e da criatividade**, além do medo de assumir riscos e novas iniciativas. Como consequência, instala-se a estagnação e cresce a incerteza sobre a relevância da missão a ser realizada.

b) Percepção da falta de significado

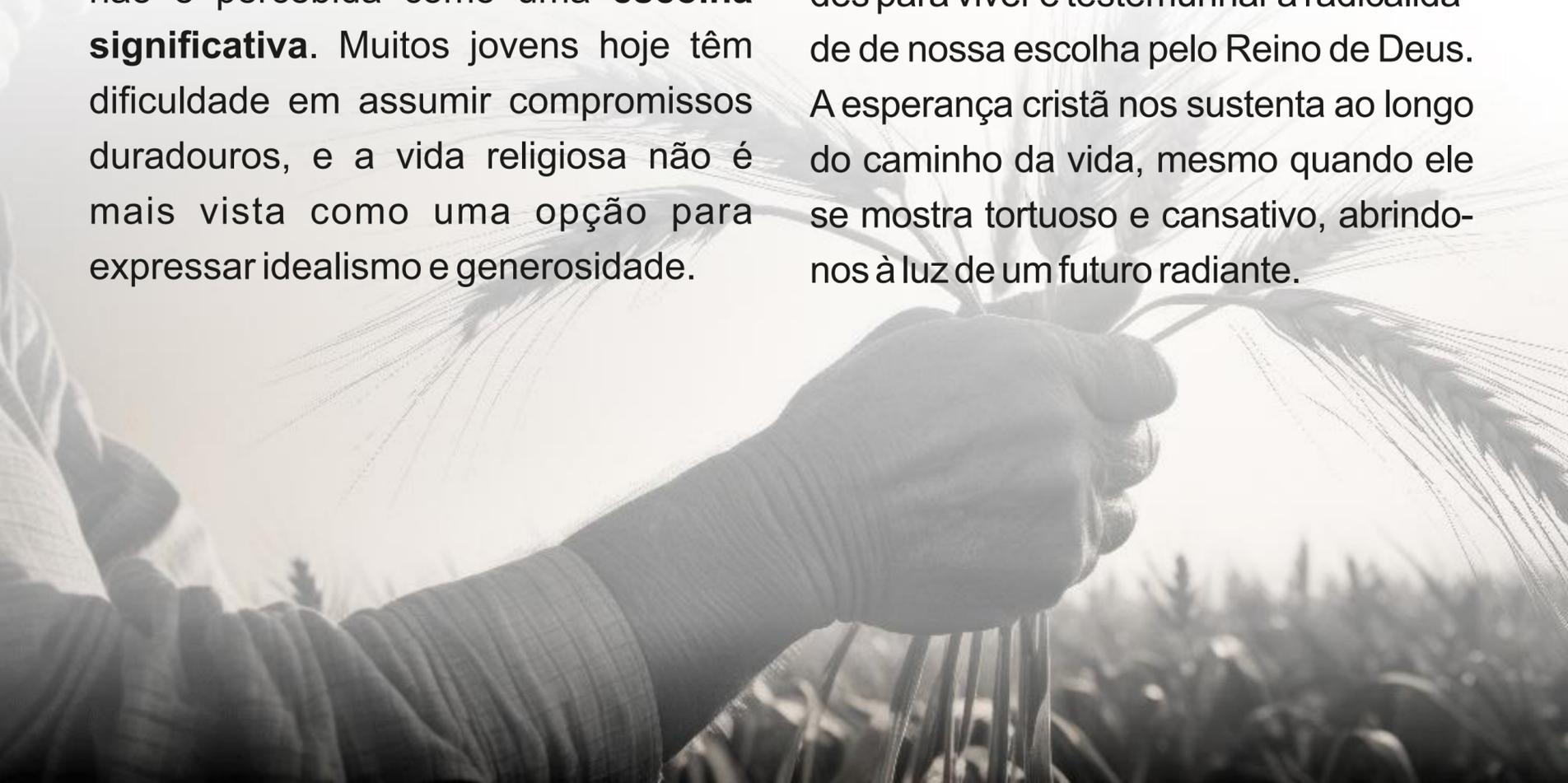
A escassez de vocações indica, entre outras coisas, que a vida consagrada já não é percebida como uma **escolha significativa**. Muitos jovens hoje têm dificuldade em assumir compromissos duradouros, e a vida religiosa não é mais vista como uma opção para expressar idealismo e generosidade.

c) Inculturação

Não existe uma única forma de ser Igreja ou de ser cristão no mundo. Há tantas maneiras quantas são as culturas. Da mesma forma, nos institutos religiosos internacionais, surgiu a compreensão de que não existe apenas uma maneira de ser religioso e que o carisma do fundador pode se expressar de diferentes formas dentro das culturas dos povos. Assim como o Evangelho, o carisma originário da família religiosa não apenas pode enriquecer, mas também ser enriquecido pelas culturas em que se encarna. Isso levará a uma nova perspectiva, onde o instituto religioso não será mais visto como um grupo de membros de diferentes culturas aprendendo um único estilo de vida modelado pela cultura dominante, mas sim como um espaço onde membros de **diversas origens** compartilham a riqueza da sua diversidade cultural. Gradualmente, a família religiosa se tornará não apenas um espaço de uma única cultura, mas um lugar de interação entre diferentes culturas, todas fecundadas pelo Evangelho e pelo carisma.

3. Conclusão

No contexto do Jubileu, no qual todos somos chamados a ser **peregrinos de esperança**, os desafios que o mundo nos apresenta são, na verdade, oportunidades para viver e testemunhar a radicalidade de nossa escolha pelo Reino de Deus. A esperança cristã nos sustenta ao longo do caminho da vida, mesmo quando ele se mostra tortuoso e cansativo, abrindo-nos à luz de um futuro radiante.





Fr. Angelo Grande, oad

TRÊS COLUNAS conselhos evangélicos na espiritualidade dos Agostinianos Descalços



Resumo: *O significado da vida consagrada é evidenciado nos três documentos fundamentais que orientam sua disciplina e nos três conselhos evangélicos – castidade, pobreza e obediência – que são os pilares da vocação religiosa.*

A castidade é vista como a administração responsável da sexualidade, favorecendo relações autênticas e profundas;

a pobreza como o desprendimento dos bens materiais para uma maior liberdade no serviço evangélico; a obediência como adesão à vontade de Deus, expressa na comunidade e nos superiores.

Os votos, vividos com fidelidade e alegria, fortalecem a vida fraterna e constituem um exemplo para a Igreja e a sociedade, contribuindo para a renovação espiritual deste Ano Santo

Alguns amigos, ao saberem da minha recente mudança de residência (ou melhor, de casa religiosa) me perguntaram sobre o papel ou a função que me aguardavam! Após alguns instantes de hesitação, encontrei a resposta que me convence e que procuro colocar em prática: *"Na minha idade, é hora de me dedicar generosamente a ser frade."*

1. Três documentos fundamentais

Há três documentos oficiais que devem guiar os frades e as freiras, chamados de pessoas consagradas (não para colocá-los em um pedestal privilegiado), mas para chamá-los a **compartilhar**, com a Igreja e, conseqüentemente, com toda a comunidade, o dom recebido.

Convido para esta reflexão aqueles que perceberam e acompanharam a mudança-renovação que modificou o estilo de vida das comunidades religiosas e de seus membros.

Convido também aqueles que ainda se perguntam qual é a diferença entre um padre e um frade. Convido ainda os confrades que, preocupados (e com razão) em seguir os sinais dos tempos, não hesitaram não apenas em abrir, mas até mesmo em derrubar portas e janelas, esquecendo que a solidariedade não é garantida pela semelhança a qualquer custo.

Os **três documentos** fundamentais em questão são:

- ***Perfectae caritatis***: decreto sobre a renovação da vida dos religiosos, aprovado pelo Concílio Vaticano II (1965);
- ***Evangelica testificatio***: encíclica com indicações práticas do decreto acima, publicada por São Paulo VI (1971);
- ***Vita consecrata***: carta de São João Paulo II como fruto do Sínodo dos Bispos sobre o tema (1994).

"O sagrado Concílio já mostrou, na Constituição que começa pelas palavras *Lumen gentium*, que a consecução da caridade perfeita por meio dos conselhos evangélicos tem a sua origem na doutrina e nos exemplos do divino mestre e brilha como um sinal luminoso do reino dos céus. Agora, porém, propõe-se tratar da disciplina e vida dos Institutos, cujos membros professam castidade, pobreza e obediência, e prover às necessidades dos mesmos, conforme sugerem os nossos tempos".

Assim começa a *Perfectae Caritatis*.

2. Três conselhos evangélicos

Como já foi mencionado, todos os documentos situam as raízes da vida consagrada **no terreno do Evangelho, no exemplo de Jesus e na primeira comunidade cristã**. A doutrina e a prática da vida religiosa baseiam-se nos conselhos evangélicos, que são escolhidos, apresentados e reconhecidos através de um rito comprometedor, solene e público, **chamado de Profissão ou escolha**.

Aqueles que fazem a profissão declaram seu desejo de viver e testemunhar a beleza e a conseqüente serenidade que



surgem de uma vida motivada e pautada pela prática dos votos de castidade, pobreza e obediência.

3. Castidade

A virtude da castidade visa uma **gestão responsável da sexualidade** que nos acompanha e que, por sua vez, tem como objetivo favorecer as relações, as quais preenchem os vazios e as deficiências que geram solidão e sofrimento.

A castidade combate o egoísmo e a autoexaltação, tendências que podem levar à opressão e à instrumentalização, à violência, etc. Qualquer forma de libertinagem mortifica a pessoa e aumenta a solidão e a frustração. A castidade, ao contrário, gera (sem dar espaço a vínculos ambíguos ou egoístas) encontro, proximidade, subsidiariedade, consolo e apoio.

Para tornar mais fértil e fecundo o exercício da castidade, o seu voto exige também o celibato. Mas o celibatário e o casto não permanecem sozinhos e abandonados se permitem que Deus Trindade (relação e amor por excelência) habite em um coração libertado de fronteiras ou barreiras. Foi dito que o consagrado casto não deve se assemelhar a uma geladeira branca por fora e gelada por dentro!

4. Pobreza

Bastaria uma única citação do ensinamento de Jesus para perceber sua excelência: *"Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; e vem e segue-me!"* (Mt 19,21).

Um **desprendimento** e uma **renúncia** que tornam perfeita e motivada a escolha somente com: *"dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; e vem e segue-me!"* Vale também para os religiosos, a expressão, confirmada pela experiência: *"o dinheiro pode ser um bom trabalhador, mas é um péssimo chefe!"*

Não vale a pena condicionar o serviço evangélico mantendo vivas realizações que hoje são, e se mostram, superadas e pesadas. Para exaltar ou denigrir a obediência, foram usados rios de escritos e palavras. Não pode e não deve exigir obediência quem considera razoáveis, justas e convenientes suas próprias declarações e decisões, que fogem a todo confronto e consulta.

Na quase totalidade das comunidades religiosas, tanto masculinas quanto femininas, as decisões importantes são tomadas em conjunto! O absolutismo domi-



nante em outros tempos e contextos religiosos, políticos e sociais: *"porque sou eu quem digo, eu quem decido, eu quem quero"* desapareceu ou, pelo menos, tornou-se inofensivo! Mas è igualmente prejudicial rejeitar qualquer ponto de referência em nome de uma liberdade mal interpretada: a liberdade buscada por Adão no paraíso terrestre!

5. Obediência

A obediência se presta à vontade de Deus: como pedimos no Pai Nosso e encontramos, plenamente e voluntariamente, em cada palavra e gesto de Jesus, que sempre deixa ao Pai, mesmo diante da morte, a última palavra.

Uma intervenção autoritativa, esclarecedora, útil e atual sobre o tema è o documento do Dicastèrio para os Religiosos: *O serviço da autoridade e da obediência* (2008).

6. Conclusão

Os três votos, fundamentais pilares da construção, são acompanhados, em diferentes institutos, por "votos" particulares que destacam o carisma: educação dos jovens, assistência aos doentes, atividade missionária, etc.

Entre os Agostinianos Descalços, por exemplo, emite-se o **voto de humildade**, que, para defender a virtude relativa, proíbe (em qualquer contexto) qualquer forma óbvia ou sutil de carreirismo e competição.

A observância fiel e alegre dos votos religiosos è certamente a atividade mais eficaz de **promoção vocacional**, mas constitui ao mesmo tempo uma reserva inesgotável de oxigênio para os religiosos individuais e para as comunidades: ela transforma a vida em comum (nem sempre fácil e gratificante) em **vida fraterna em comunidade**. Uma mudança de ar e de clima cuja necessidade è sentida. Não apenas nos claustros das casas religiosas!





Fr. Annacletus Nzewuihe, oad

TEOLOGIA DOS VOTOS RELIGIOSOS

perspectivas canônicas, morais e culturais



Resumo: a teologia dos votos religiosos pode ser vista a partir de diferentes perspectivas.

Canonicamente, os votos são regulamentados pelo Código de Direito Canônico e representam um ato público de consagração e serviço à Igreja.

Moralmente, os votos são instrumentos de perfeição cristã: a castidade expressa um amor indiviso por Deus, a pobreza é uma escolha voluntária de simplicidade e desapego dos bens materiais, enquanto a obediência reflete a humildade e a

submissão à vontade divina.

Culturalmente, a prática desses votos varia em diferentes contextos: na África, a castidade desafia tradições que valorizam o casamento, enquanto a pobreza é vivida como solidariedade com os pobres; na Ásia, a obediência é facilitada pelo respeito à autoridade, enquanto a castidade pode ser mais complexa em culturas onde a família é central; na Europa, a secularização torna esses votos contraculturais, mas são sempre um testemunho do Evangelho.

Neste artigo, exploraremos a teologia dos votos religiosos, abordando suas perspectivas canônicas, morais e as diferentes percepções culturais desses votos na África, Ásia e Europa.

Os votos de castidade, pobreza e obediência estão no **centro da vida religiosa**. Eles não são apenas compromissos pessoais, mas são considerados uma forma de seguir mais de perto o exemplo



de Cristo, testemunhando os valores do Reino de Deus. Os votos representam uma escolha radical de viver de maneira diferente do mundo, orientando-se para uma realidade escatológica.

Além disso, analisaremos como os religiosos podem **viver livremente** os votos hoje, considerando os desafios contemporâneos e sua vitalidade em um mundo em rápida transformação.

1. Disposições canônicas dos votos religiosos

A compreensão canônica dos votos evangélicos está solidamente enraizada no quadro jurídico e espiritual fornecido pela Igreja, especialmente no **Código de Direito Canônico** (1983), que regula a vida religiosa.

A Profissão dos conselhos evangélicos ou conselhos de perfeição – castidade, pobreza e obediência (cân. 599-601) – juntamente com a humildade em nosso Instituto, constitui uma forma de consagração e dedicação total a Deus.

O *Código* define o voto como "promessa deliberada e livre de um bem possível e melhor, feita a Deus, deve ser cumprido em razão da virtude da religião". (cân. 1191, §1). Os votos, portan-

to, não são apenas compromissos pessoais, mas também um **ato público de serviço** à Igreja e ao mundo.

Assim, "*o instituto religioso é uma sociedade, na qual os membros, de acordo com o direito próprio, fazem votos públicos perpétuos ou temporários a serem renovados ao término do prazo, e levam vida fraterna em comum*" (cân. 607, §2).

O cânon 599 reafirma que a vida religiosa é caracterizada pela profissão pública dos conselhos evangélicos, exigindo a livre decisão do indivíduo de viver esses votos em resposta ao chamado de Deus.

A estrutura canônica da vida religiosa garante que os votos não sejam vividos isoladamente, mas dentro de uma comunidade que oferece apoio, orientação e responsabilidade mútua.

Da mesma forma, o cânon 1194 esclarece que os votos religiosos podem cessar por expiração do tempo estabelecido, dispensa ou comutação: "*o voto cessa, uma vez transcorrido o prazo marcado para o término da obrigação; com a mudança substancial da matéria prometida; quando já não se verifica a condição da qual depende o voto ou a sua causa final; por dispensa; por comutação*".



Os votos religiosos não são assumidos por mera devoção pessoal, mas constituem uma forma de aliança. Como escreve Santo Agostinho nas *Confissões*, a vida religiosa é "*um voto de fidelidade*" feito a Deus.

Os votos representam uma forma de espiritualidade comunitária, na qual a santidade pessoal está entrelaçada com a **santidade da Igreja**, que considera os votos como um meio de encarnar o testemunho do Evangelho no mundo.

De fato, "*o estado religioso patenteia de modo especial a elevação do reino de Deus sobre tudo o que é terreno e as suas relações transcendentais; e revela aos homens a grandeza do poder de Cristo Rei e a potência infinita com que o Espírito Santo maravilhosamente actua na Igreja*" (*Lumen Gentium* 44).

2. Perspectivas morais dos votos religiosos

Os conselhos evangélicos são meios para alcançar a perfeição cristã por meio da prática da virtude. A profissão dos votos de castidade, pobreza, obediência e humildade não deve ser entendida como uma medida repressiva ou punitiva,

mas como um caminho de liberdade radical que ajuda os religiosos a viverem segundo os mais altos ideais morais indicados por Cristo.

Por meio dos votos, os religiosos buscam seguir mais livremente Cristo e imitá-Lo de modo mais fiel, cada qual a seu modo, levando uma vida consagrada a Deus (*Catecismo da Igreja Católica* 918).

a) Castidade

O voto não consiste simplesmente na abstinência das relações sexuais, mas em uma escolha radical de **direcionar os próprios afetos para Deus**.

A castidade é, portanto, vista por aqueles que a professam como uma virtude positiva que liberta a pessoa das distrações dos desejos mundanos, conduzindo à temperança e à integração harmoniosa da união entre corpo e alma.



Seguir o celibato de Cristo através do voto de castidade indica um coração indiviso, totalmente dedicado ao serviço de Deus. São Tomás de Aquino, na *Summa Theologica*, afirma que a castidade é "a virtude que modera e corrige a desordem dos desejos" (ST, II-II, Q. 151).

Aquele que vive castamente preserva a integridade de suas faculdades sexuais e assegura a unidade de sua pessoa, evitando levar uma vida dupla.

b) Pobreza

Este voto é entendido como uma **renúncia voluntária à propriedade pessoal dos bens materiais**, permitindo que os religiosos vivam em total dependência de Deus.

A pobreza não diz respeito apenas à privação material, mas representa uma escolha moral por uma vida de simplicidade, rejeitando as distrações e os impedimentos decorrentes da riqueza material.

O valor moral da pobreza está na sua capacidade de libertar o indivíduo do apego às coisas mundanas e da avareza. São João Paulo II ressaltava que a pobre-

za é um testemunho da primazia de Deus e da liberdade do coração (*Vita Consecrata* 19).

c) Obbedienza

A palavra "obediência" deriva do latim *ob-audire*, que significa "escutar com atenção". Ela se refere à disposição de ouvir os outros e responder, acolher a **palavra de Deus** e obedecer à vontade divina por meio das pessoas que detêm uma autoridade legítima.

O voto de obediência é a escolha de submeter a própria vontade à vontade de Deus, tal como ela se manifesta na autoridade legítima dentro da comunidade religiosa.

A obediência é uma expressão ativa de humildade e confiança, permitindo ao religioso viver não para si mesmo, mas para os outros. O voto de obediência segue o exemplo de Cristo, que "se fez obediente até a morte" (Fl 2,8).

3. Contextos socioeconômicos dos votos religiosos

A compreensão e a prática dos votos evangélicos podem variar consideravel-



mente dependendo dos contextos culturais. Em diferentes partes do mundo, especialmente na África, Ásia e Europa, os conselhos evangélicos não são vividos em um vácuo, mas são influenciados pelas tradições locais, pelas realidades socioeconômicas e pelas diversas espiritualidades.

a) África

Em muitas culturas africanas, os laços familiares e comunitários são centrais. O voto evangélico de castidade, que implica um compromisso com o celibato, pode ser particularmente desafiador em sociedades onde o casamento e a procriação são considerados elementos essenciais da vida adulta. No entanto, as comunidades religiosas africanas abraçam a castidade como uma forma radical de testemunho do chamado de Deus, expressando um amor que transcende os laços familiares.

O voto de pobreza na África muitas vezes ressoa profundamente com a experiência cotidiana de muitas pessoas que já vivem em condições de priva-

ção material. Nesse contexto, o voto de pobreza torna-se um poderoso símbolo de solidariedade com os pobres e os marginalizados. O voto de pobreza representa uma aplicação concreta do que afirmou o Papa Francisco, segundo o qual a pobreza evangélica não é apenas a renúncia aos bens materiais, mas uma vivência em solidariedade com os pobres e na busca pela justiça para eles. Ele afirma:

"Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus manifesta a sua misericórdia antes de mais a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus' (Fl 2,5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja" (Evangelii Gaudium 198).



b) Ásia

Na Ásia, onde coexistem diversas religiões e um crescente secularismo, os votos evangélicos são vividos de maneiras diferentes. Em países como a Índia e as Filipinas, onde o catolicismo tem raízes profundas, os votos religiosos frequentemente são integrados à vida religiosa com grande significado.

Nas Filipinas, por exemplo, o voto de pobreza está frequentemente ligado ao

A obediência está profundamente enraizada nas culturas africanas, onde o respeito pelos mais velhos e pelas figuras de autoridade é um valor fundamental. Essa perspectiva cultural torna mais fácil para os religiosos africanos viverem o voto de obediência. A obediência, no contexto africano, não é apenas uma submissão à autoridade, mas é entendida como uma maneira de contribuir para o bem comum, favorecer a unidade e promover a harmonia comunitária.



compromisso com a justiça social, com os religiosos envolvidos ativamente em programas sociais de assistência a pobres, marginalizados e necessitados.

Na Índia, por outro lado, o voto religioso de castidade pode ser particularmente difícil de aceitar, dada a importância da vida familiar e do casamento nas tradições hindus e muçulmanas. Para muitos religiosos indianos, a castidade representa um chamado para transcen-

der as expectativas culturais e familiares, vivendo totalmente para Deus.

Como reflete o Fr. Thomas Merton em *A Montanha das Sete Balizas*: "O voto de celibato é a renúncia ao direito de dirigir a própria vida... uma forma de liberdade total para Deus".

No contexto asiático, caracterizado por sociedades que enfatizam o respeito pela autoridade, a obediência pode ser mais fácil de viver do que em culturas

mais individualistas. O voto de obediência é visto como uma extensão da virtude do respeito pela autoridade, profundamente enraizada no tecido social de muitas culturas asiáticas.

c) Europa

Na Europa, onde o secularismo tem ganhado terreno, os votos religiosos são frequentemente vistos com suspeita. O voto evangélico de castidade é às vezes interpretado como uma rejeição dos desejos naturais do ser humano, enquanto o voto de pobreza pode ser mal interpretado como irrelevante em uma sociedade que valoriza o bem-estar material e o sucesso pessoal. No entanto, para os religiosos na Europa, os votos permanecem um poderoso testemunho dos valores do Evangelho.

O Papa Bento XVI destaca que os votos evangélicos não são apenas sinais exteriores de renúncia, mas representam o " *sinal da esperança da vida eterna*" (*Verbum Domini* 83).

As Ordens religiosas europeias, como os Agostinianos, os Beneditinos e os Franciscanos, continuam a viver esses votos com um profundo senso de missão, oferecendo uma alternativa ao individualismo e ao materialismo presentes na sociedade contemporânea.

A obediência na Europa pode ser particularmente difícil em um contexto que

atribui grande valor à autonomia pessoal e à liberdade individual. No entanto, para muitos religiosos europeus, o voto de obediência não é visto como uma limitação, mas como um caminho para uma liberdade maior em Cristo.

4. Conclusão

Os votos continuam sendo centrais na vida das comunidades religiosas em todo o mundo. Embora os contextos culturais, sociais e morais possam variar, o valor teológico fundamental desses votos permanece imutável: eles representam um **compromisso radical de seguir Cristo** de maneira a transformar o indivíduo e dar testemunho do Reino de Deus.

Hoje, os religiosos podem viver livremente esses votos, mas isso exige um profundo compromisso com o crescimento espiritual, a disponibilidade para abraçar o sacrifício pessoal e uma constante confiança na graça de Deus.

Os votos não são apenas atos de renúncia, mas também **atos de amor, liberdade e profunda alegria**, que conduzem o religioso cada vez mais perto do coração de Deus.

De fato, o Papa João Paulo II considera os votos como a expressão mais profunda de um amor por Deus que é radical, fiel e puro (*Vita Consecrata* 16).





Fr. Gabriele Ferlisi, oad

QUARTO VOTO

evolução histórica

do voto de humildade nos

Agostinianos Descalços



Resumo: no século XVI, no contexto da Reforma Católica, caminhar descalço era símbolo de pobreza, mortificação e humildade, mas entre os religiosos o voto de humildade não era comumente adotado.

Os Agostinianos Descalços o introduziram em 1599 para depois formalizá-lo nas Constituições de 1620 como o «voto de não ambicionar», que proibia a

busca por cargos ou promoções sem autorização. Em 1931, as Constituições ampliaram seu significado, definindo-o como parte essencial da identidade da Ordem.

O voto de humildade amadureceu na consciência dos religiosos e é considerado um dom divino, não uma escolha humana, e se inspira no exemplo de Cristo, modelo supremo de humildade.

1. Descalçamento e humildade no século XVI

No clima de reforma da Igreja promovido pelo Concílio de Trento, o adjetivo “descalços” era comumente reconhecido como um sinal autêntico de verdadeira radicalidade evangélica e síntese dos valores ascéticos penitenciais capazes

de se opor à decadência doutrinária, moral e disciplinar difundida. Andar descalço significava uma **profissão pública de conversão**, pobreza, mortificação e humildade. Por isso, quase todos os religiosos das diversas Congregações de Reforma escolhiam andar descalços, ou seja, com sandálias e pés nus, no verão e no inverno; e al-

gumas Congregações adotavam o termo “descalços” em sua denominação oficial: Carmelitas Descalços, Trinitários Descalços, Mercedários Descalços, Agostinianos Descalços.

Quanto à humildade, ela também era considerada por todos como um **elemento ascético** precioso de contraste ao espírito de vaidade e mundanidade que havia entrado nos conventos; mas não era escolhida, exceto por algumas Congregações de Reforma como os Carmelitas Descalços, como um voto específico a ser adicionado aos três votos comuns de obediência, pobreza e castidade.

Não é surpresa, portanto, que nem os Agostinianos Descalços tenham escolhido a humildade como voto, como se vê no seu primeiro texto de *Constituições*, aprovado no Capítulo geral de 1598, onde não há nenhuma referência a ele.

2. Introdução do voto de humildade na Reforma dos Agostinianos Descalços

A introdução do voto de humildade entre os Agostinianos Descalços deve-

se à decisão do Superintendente Apostólico, o carmelita descalço P. Pietro Villagrassa della Madre di Dio, que o Papa Clemente VIII havia colocado à frente da nossa nascente Congregação.

Foi exatamente no dia **10 de dezembro de 1599**, em Roma, na igreja de Santo Stefano Rotondo, durante a renovação dos votos, que o Superintendente Apostólico ordenou que fosse professado o quarto voto de humildade. A reação dos religiosos a essa imposição, embora possa causar surpresa, não foi nem benevolente nem unânime.

O historiador Fr. Giambartolomeo de Santa Claudia escreveu nos *Lustri Storiali*: "foram muitos aqueles que não quiseram ratificar, nem renovar suas profissões, já feitas entre os Conventuais ou em outras Congregações da Ordem Eremita", e retornaram aos seus conventos anteriores.

No entanto, o êxodo de tantos religiosos não fez mudar de ideia o Superintendente Apostólico, que, de acordo com os religiosos que o profes-



saram, o introduziu imediatamente na prática do rito das profissões.

Uma década depois, no Capítulo geral de 1609, o voto foi codificado no texto renovado das *Constituições*, aprovado de forma genérica por Paulo V.

3. A codificação do voto de humildade nas *Constituições* de 1620

Posteriormente, em 1620, este texto das *Constituições*, ainda mais revisado, com o Breve *Sacri Apostolatus*, foi aprovado pelo próprio Papa Paulo V de forma específica.

Nesse texto, em relação ao voto de humildade, dizia-se simplesmente: *"Além dos três votos solenes (os religiosos) emitem por último o quarto contra a ambição, com o qual propõem, dentro da Congregação, não buscar obter, direta ou indiretamente, para si ou para*

outra pessoa, qualquer prelazia ou cargo proibido pelas Constituições; e igualmente fora da Congregação, não buscar ter, direta ou indiretamente, para si ou para outra pessoa, qualquer prelazia, e, se oferecida, aceitá-la, sem a autorização de quem pode comandá-lo".

Algumas **observações** sobre esse texto das *Constituições*:

1. o voto de humildade é chamado de voto de "não ambicionar";
2. falta completamente um capítulo sobre a humildade, como existe para os votos de obediência, pobreza e castidade;
3. não estão especificados quais são os cargos que se enquadram no âmbito do voto de não ambicionar.

Os Capítulos gerais subsequentes cuidarão dessa omissão do texto das *Constituições*.





4. Um salto para as **Constituições de 1931**

As *Constituições* de 1620 permaneceram em vigor por mais de três séculos, até 1931, quando tiveram que ser revistas para se adaptar ao novo *Código de Direito Canônico* de 1917.

Pensando na rejeição inicial que o voto de humildade teve, surge imediatamente a questão de qual lugar ele teria no novo texto das *Constituições*. Com grande e agradável surpresa, vemos que ele foi acolhido em toda a profundidade de seu significado. De fato, logo se destaca que o voto não é mais chamado "de não ambicionar", mas "voto de humildade"; e que, na seção onde se fala dos votos de obediência, pobreza, castidade, foi adicionado um capítulo sobre a humildade, onde, com extrema clareza, a humildade é definida como a "*cartão da nossa vida*", nossa identidade (*tamquam tesseram vitae diligere*).

A mesma coisa ocorre nas atuais novas *Constituições* de 1984, atualizadas com o Concílio Vaticano II, que defi-

nem a humildade como o "*distintivo peculiar da nossa Ordem*". E na última definição do **carisma** dos Agostinianos Descalços, inserida no atual texto das *Constituições*, é dito: "*Felizes por servir o Altíssimo em espírito de humildade*".

5. Internalização do valor do **voto de humildade**

Tudo isso significa que, ao longo de todos esses séculos, houve na consciência dos religiosos uma interiorização do voto de humildade como parte viva de sua vida.

A esse respeito, é interessante recordar o que escreveu Fr. Eustáquio Cacciatore de Sant'Ubaldo em resposta a um autor que acusava os Agostinianos Descalços de ter desvirtuado a Reforma com a novidade do voto de humildade: o voto de humildade "*não só não desvirtua, mas honra a Ordem Agostiniana*".

Fr. Prospero Staurenghi de São José, em seus *Discursos claustrais de comentário à Regra*, livro várias vezes reeditado, comparava nossos conventos a **escolas de humildade**, escolas do

Crucificado e asilos de humildade. Mas é principalmente importante pensar em Santo Agostinho, testemunha e cantor da humildade. Para ele, a humildade é:

1. uma virtude ascética, e como tal é ato de purificação e penitência;
2. uma virtude existencial, e como tal é ato de verdade e honestidade intelectual;
3. uma virtude, em seu significado mais profundo, exclusivamente cristã, e como tal é ato de redenção, ato de caridade, sinal do cristão, nossa perfeição aqui na terra.

Ele dizia: *"Quando pronuncio o nome de Cristo, meus irmãos, sobretudo nos é recomendada a humildade. Ele nos abriu o caminho por meio da humildade"* (Enarr. in Ps. 33, d.1, 4). *"Nossa salvação em Cristo é a humildade de Cristo"* (Serm. 285, 4). Mas a intuição mais bonita e profunda de Santo Agostinho foi compreender que a humildade é uma pessoa: é *"o humilde Jesus"* (Confess. 7, 18, 24).

Por isso, as atuais *Constituições* escrevem: *"com a prática da humildade, esforçam-se em possuir os sentimentos de Jesus, o qual se aniquilou a si mesmo, assumindo a natureza de servo. Realizam, assim, o desejo da Igreja, que se alegra ao encontrar em seu seio muitos fiéis que seguem mais de perto o aniquilamento do Salvador"* (Const. 43).

6. Voto de humildade, não uma escolha humana, mas um dom e uma proposta de Deus

Neste ponto fica claro que o voto de humildade não foi uma escolha da habilidade e do fervor de santidade dos primeiros agostinianos descalços, mas foi muito mais: **uma proposta e um dom do Senhor.**

É Deus, de fato, quem escolhe e propõe os elementos constitutivos do cari-

sma, e não os homens; e é Deus quem os defende dos obstáculos que, paradoxalmente, podem vir das próprias pessoas consagradas diretamente envolvidas, mostrando a Sua providência divina e guiando aqueles que seguem a vocação com fé e confiança.





Sandro Botticelli (1445-1510),
Santo Agostinho no Escritório (Pintura a Fresco),
Florença, Galeria Uffizi.



Fr. Epaphroditus Fau, oad
@fra_fmichael

O CAMINHO PARA A PROFISSÃO RELIGIOSA tornar-se um com Cristo



Resumo: *o caminho para a profissão religiosa é um processo de consagração a Deus que começa no Noviciado e se manifesta na Primeira Profissão (simples), um primeiro “sim” que permite experimentar a vida comunitária e confirmar a vocação.*

A Profissão solene (perpétua), por sua vez, é o “sim” definitivo, uma aliança

esponsal com Deus que se expressa nos votos de castidade, pobreza, obediência e humildade, tornando a vida consagrada um sinal tangível do amor e uma pertença total a Deus e à Igreja.

O rito da Profissão religiosa, vivido na Eucaristia, afirma o vínculo com Cristo e a comunidade, testemunhando uma dedicação plena e duradoura ao serviço do Evangelho.

O caminho como discípulos de Cristo que os religiosos agostinianos descalços percorrem durante o Noviciado conduz à Primeira Profissão, na qual se manifesta formalmente a decisão de viver o carisma: *“servir o Altíssimo em espírito de humildade”* e servir à Igreja conforme suas necessidades.

1. Profissão simples: o nosso primeiro “sim”

A Primeira Profissão nos permite testar nossa capacidade de viver a nossa espiritualidade na vida comunitária. Ao mesmo tempo, a comunidade deseja ver a autenticidade da nossa vocação e a nossa disposição para per-

o “sim” para sempre

O caminho especial de seguimento de Cristo, iniciado no Postulado, oficialmente assumido no Noviciado e publicamente confirmado na Primeira Profissão, agora é **definitivamente reafirmado na Profissão Solene.**

Nesta etapa, experimenta-se uma união total com o Mistério Pascal, sustentada por uma fidelidade inabalável e manifestada na capacidade de viver com paz e constância na Ordem, tanto na alegria quanto na dor, na luz e nas trevas, no sucesso e no fracasso: *"Agora me alegro nos sofrimentos que suporto por vós e completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, em favor do seu corpo, que é a Igreja"* (Cl 1,24).

A Profissão Solene é um dom, pois é uma resposta total a Deus, que é Amor. Através dessa graça, a vida torna-se um acontecimento divino, uma iniciativa permanente do amor de Deus.

Nesse sentido, aqueles que fazem a Profissão pertencem inteiramente a Deus, que os chama e os envia, assim como pertencem aos irmãos e irmãs a quem servem. Essa consagração é, portanto, **exclusiva, definitiva e não temporária.**

A Profissão Solene é também um sinal de comunhão indissolúvel, uma aliança sponsal de amor entre o homem e Deus. É uma resposta de amor ao Seu chamado livre e incondicional, que convida aqueles que Ele escolhe a participar da Sua missão pelo Reino do Pai.

Essa consagração é alcançada por meio de quatro votos: castidade, pobreza, obediência e humildade. Embora sejam quatro votos distintos, eles constituem um único compromisso: o consagrado deixa-se envolver no mistério de

severar na vida comunitária cotidiana. Por esse motivo, a dimensão espiritual do caminho formativo deve caminhar junto com a vida comunitária, pois é na comunidade que a espiritualidade revela sua verdadeira essência.

A Primeira Profissão é dividida em **três dimensões principais:**

- **espiritual:** felizes por servir ao Altíssimo em espírito de humildade;
- **missionária:** aproximar as pessoas de Deus e aproximar Deus das pessoas;
- **eclesial e comunitária:** comprometer-se mais plenamente ao serviço de Cristo e da Igreja.

A esfera espiritual, sublinhada como humildade, é uma forma de imitação do Cristo humilde que tem suas raízes na consagração batismal; essa dimensão encontra a sua expressão mais radical nos votos evangélicos e leva a pessoa à dedicação total a Deus.





Cristo, para que na nossa vida concreta Cristo possa continuar a ser o Filho humilde, casto, pobre e obediente, consagrado e enviado pelo Pai.

A singularidade da Profissão Solene se reflete em sua celebração solene, que, segundo as rubricas litúrgicas, deve ser distinta de outros ritos de profissão e, sempre que possível, celebrada na presença de muitos fiéis.

Esta profissão tem **três características principais**:

- tem sua origem na graça divina dada gratuitamente;
- dura a vida inteira, como forma de fidelidade e constância na vocação;
- requer uma profunda dedicação espiritual, como uma forma de amor totalmente orientada para Cristo.

Através desta graça, a vida torna-se um evento divino, uma iniciativa permanente do amor de Deus. Nesse sentido, aqueles que fizeram a Profissão solene pertencem inteiramente a Deus, que chama e envia, assim como aos irmãos e irmãs que servem.

A Profissão Solene, portanto, não é apenas um evento humano, mas um

evento divino, um momento em que aqueles que a emitem se consagram plenamente a Deus, unem-se a Cristo para sempre e se doam completamente à Igreja.

Neste compromisso para toda a vida, o religioso torna-se um sinal do amor eterno de Deus, um testemunho tangível de Sua presença em um mundo que anseia pela luz da verdade e pelo verdadeiro amor.



3. Rito da Profissão Religiosa: um momento sagrado

A celebração da Eucaristia, definida como o "sacramento do amor", aperfeiçoa nossa configuração ao Mistério Pascal, conduzindo-nos à plena oferta de nós mesmos a Deus.

A Profissão Religiosa cria um vínculo especial e novo, pois expressa nossa intenção de nos dedicarmos **cada vez mais a Cristo e à Sua Igreja**. O rito também afirma sacramentalmente a dimensão eclesial-comunitária da graça da Profissão religiosa.

Não pedimos apenas a cruz de Cristo e a sua misericórdia, mas também o apoio da Igreja, representada pela comunidade que celebra essa profissão. A comunidade não é apenas garantia do compromisso dos votos, mas também testemunha da nossa capacidade de viver essa vocação dentro da Igreja e da Ordem.

O **símbolo principal** que resume o significado desse rito é a entrega da

Regra e das Constituições, que confirma que a profissão religiosa não é apenas uma vocação individual, mas também um caminho compartilhado em uma comunidade para seguir Cristo.





Fr. Márcio dos Santos Silva, oad
@frmarcio2santos

VOTOS RELIGIOSOS na visão da sociedade contemporânea



Resumo: *A vida consagrada é uma resposta de amor radical a Deus, expressa através da profissão de votos de castidade, pobreza, obediência e, em nossa Ordem, também de humildade.*

Ela torna visíveis os traços de Cristo e se torna memória e consciência para todos os batizados. Hoje, num mundo marcado pelo individualismo e pela superficialida-

de, a vida religiosa mantém um valor profético, místico e contemplativo.

Apesar da surpresa que causa na sociedade contemporânea, ela continua sendo uma luz que ilumina e transforma, ajudando a superar o egoísmo e a indiferença, especialmente neste Ano Jubilar em que somos chamados a renovar a confiança no Senhor e a viver a vocação no dom de nós mesmos.

Com o termo "**contemporâneo**" fazemos referência à época presente, ao tempo atual em que nos encontramos.

Alguns anos atrás, fiz minha Primeira Profissão, que aconteceu em 12 de janeiro de 2008, na Paróquia Santo Antônio, em Ourinhos (SP). Naquela ocasião, junto com os confrades que concluíam o período de Noviciado, escolhemos

como lema as palavras de Santo Agostinho presentes nos Solilóquios: "*Amo somente a ti, sigo somente a ti, busco somente a ti*" (Sol. I,1,5).

Com essas palavras, queríamos expressar o **desejo de responder**, com amor a Deus, que nos amou primeiro, tendo como meios essenciais para essa resposta a Profissão dos votos.

1. Significado teológico

Olhando hoje para aquele dia, penso que, apesar da generosidade com que oferecemos nossas vidas, ainda não tínhamos plena consciência de que, segundo o ensinamento da Igreja, nos tornamos um **sinal visível e permanente dos traços de Jesus** casto, pobre e obediente, um verdadeiro dom para a sua Igreja.

Como nos lembrou São João Paulo II na encíclica *Vita Consecrata*:

“ A vida consagrada, profundamente arreigada nos exemplos e ensinamentos de Cristo Senhor, é um dom de Deus Pai à sua Igreja, por meio do Espírito. Através da profissão dos conselhos evangélicos, os traços característicos de Jesus — virgem, pobre e obediente — adquirem uma típica e permanente 'visibilidade' no meio do mundo, e o olhar dos fiéis é atraído para aquele mistério do Reino de Deus que já atua na história, mas aguarda a sua plena realização nos céus (VC 1).

No nosso rito, antes de fazer a profissão, os candidatos são interrogados sobre sua disponibilidade para consagrar suas vidas a Deus e unir-se *"mais estreitamente a Ele com o novo e especial título da profissão religiosa"* (Rit. 350), recordando assim o significado da resposta através dos votos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, aos quais, em nossa Ordem, se acrescenta o voto de humildade.

Tornar-se consagrado significa que,

com um ato livre, a pessoa se doa em um amor radical:

tudo o que é, faz e possui pertence a Deus¹. Através dessa união mais estreita com Cristo, assumindo com maior radicalidade os compromissos batismais, os religiosos tornam-se memória e consciência para os batizados.

Como afirma Pe. Lourenço Kearns: *"lembramos a todos que somos seres consagrados no batismo e que prometemos, pela aliança batismal, amar a Deus e ao próximo"*.²

2. Impacto contemporâneo

Sobre o impacto contemporâneo da profissão religiosa, o documento *Contemplate*, da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica (2016), destaca a importância da vida consagrada e seu papel profético, místico e contemplativo na sociedade atual e afirma:

“ As pessoas consagradas são chamadas – talvez hoje mais do que nunca – a ser profetas, místicos e contemplativos, para descobrir os sinais da presença de Deus na vida quotidiana, a se tornar interlocutores sábios que sabem reconhecer as perguntas que de Deus e a humanidade põem nos caminhos da nossa história. O desafio é a capacidade de “continuar a ver” a Deus com os olhos da fé, em um mundo que ignora a presença dele (Contemplate nº 6).

Quase dez anos após tal publicação, os votos religiosos continuam a causar surpresa e, muitas vezes, **são incompreensíveis aos olhos da sociedade**.

Papa Francisco, em sua homilia para as Primeiras Vésperas da XXIX Jornada Mundial da Vida Consagrada, reafirmou como a profissão pública dos conselhos evangélicos faz dos religiosos **portadores de luz para o nosso tempo**.

Por ocasião desta Jornada da Vida Consagrada no Ano Jubilar 2025, o Santo Padre mostrou que: *"a prática da **pobreza** torna a pessoa consagrada uma portadora de bênçãos, manifestando bondade e rejeitando atitudes negativas como egoísmo e avareza"*.

A **castidade** ilumina um *"mundo frequentemente marcado por formas distorcidas de afetividade, em que o princípio 'o que me agrada acima de tudo' ... Isto gera, nas relações, atitudes de superficialidade e precariedade, egocentrismo, hedonismo, imaturidade e irresponsabilidade moral"*.

Sobre a luz que é a **obediência** afirmou o Pontífice: *"a obediência consagrada é um antídoto contra esse individualismo solitário, promovendo como alternativa um modelo de relação marcado pela escuta ativa, onde ao 'dizer' e ao 'ouvir' se segue a concretude do 'agir', e isto também à custa de renunciar aos meus próprios gostos, planos e preferências. Só assim, com efeito, a pessoa pode experimentar profundamente a alegria do dom, superando a solidão e encontrando o sentido da sua*

3. Peregrinos de esperança

Diante dessas palavras, não nos esqueçamos, neste ano marcado pela *"esperança que não decepciona"* (Rm 5,5), de manifestar nossa confiança no Senhor da messe, para que Ele multiplique *"como rebentos de oliveira ao redor de vossa mesa, os filhos que querem se consagrar ao serviço do vosso reino a fim de vos seguirem mais de perto na castidade, pobreza e obediência"* (Liturgia das Horas). Dessa forma, a vida consagrada continuará a ser uma **luz** que ilumina nossa sociedade, ajudando-a a superar o individualismo, o egoísmo e a indiferença, com o entusiasmo e a vitalidade que sempre a caracterizaram.

Os consagrados poderão, assim, enfrentar os **desafios do mundo contemporâneo** sem perder a coragem e compreender cada vez mais suas vidas como uma resposta ao chamado para a vida profética.

As palavras de Santo Agostinho, extraídas da mesma obra *Solilóquios* citada no início, nos ajudam a rezar por toda a vida consagrada, para que ela guarde no coração as virtudes essenciais para responder a Cristo: *"aumenta em mim a fé, aumenta a esperança, aumenta o amor. Ó admirável e singular bondade tua!"* (Sol. I,1,5).

1. KEARNS, Lourenço. *Teologia da vida consagrada*. Aparecida: Santuário, 1999. p. 23.
2. *Ibidem*, p. 27.





LITURGIA DOMENICAL COM SANTO AGOSTINHO¹ março/abril de 2025

2 de março

8º Domingo do Tempo Comum

Lc 6,39-45: A trave no olho

O Senhor dizia: "Pode um cego guiar outro cego? Não cairão ambos na cova? «Talvez o Senhor tenha acrescentado essa frase para que eles não esperassem que o que havia sido dito antes ("vos será dada uma medida generosa, cheia, sacudida e transbordante") significasse que isso lhes seria dado pelos levitas. De fato, era o povo que entregava os dízimos a esses, chamados de cegos porque não aceitavam o Evangelho. A recompensa mencionada, portanto, o povo começaria a esperá-la dos discípulos do Senhor, que se tornariam imitadores do Mestre. Por isso, Ele os apresentava dizendo: "Nenhum discípulo é maior que seu mestre" (De quaest. Evang. 2,9).

9 de março

1º Domingo da Quaresma

Lc 4,1-13: Jesus no deserto

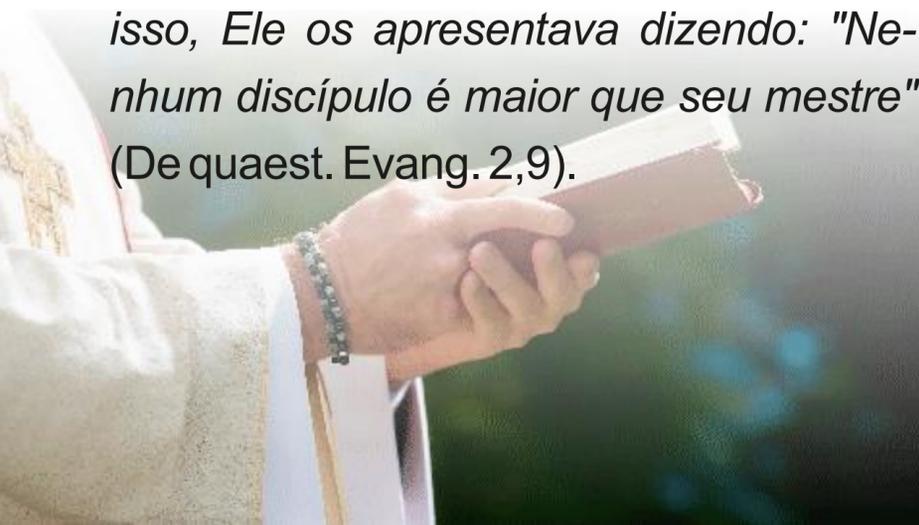
Se imitas a Cristo, não temas! De fato, mesmo quando o diabo tentou o Senhor, lá no deserto, não havia nenhum homem presente. Ele o tentou de maneira oculta, mas foi derrotado do mesmo modo. Assim como foi vencido quando quis atacar abertamente (Enarr. in Ps. 90,2).

16 de março

2º Domingo da Quaresma

Lc 9,28b-36: Transfiguração de Jesus

O próprio Senhor brilhou como o sol, suas vestes tornaram-se branquíssimas como a neve, e Moisés e Elias falavam com ele. Sim, o próprio Jesus resplandeceu como o sol, simbolizando que ele é a luz que ilumina todo homem que vem a este mundo. O que o sol visível é para os olhos do corpo, ele o é para os olhos do



coração; o que o sol é para os corpos, ele o é para as almas. Suas vestes representam sua Igreja. Se as vestes não fossem bem ajustadas por aquele que as usa, cairiam (Serm. 78,2).

19 de março

São José

Mt 1,16.18-21.24: José fez como o anjo ordenou

Como marido, José, é verdade, se perturba, mas, como justo, não se torna cruel. Tão grande é a justiça desse homem que ele não quis ficar com uma adúltera, nem ousou puni-la expondo-a ao desprezo público. "Decidiu deixá-la em segredo", diz a Escritura, pois não apenas se recusou a castigá-la, mas nem sequer quis denunciá-la. Considerem quão autêntica era a sua justiça! Ele não queria poupá-la por desejar mantê-la consigo. Muitos perdoam suas esposas adúlteras movidos pelo amor carnal, querendo permanecer com elas, mesmo infiéis, para satisfazer sua própria paixão. Esse marido justo, porém, não deseja ficar com ela — seu afeto, portanto, não tem nada de carnal. No entanto, também não quer puni-la — seu perdão, então, vem unicamente da misericórdia (Serm. 51,6,9).

23 de março

3º Domingo da Quaresma

Lc 13,1-9: Parábola da figueira que não produzia frutos

Sobre a figueira que já tinha três anos e não dava fruto, e sobre a mulher doente há dezoito anos, escutem o que o Senhor nos ensinou. A figueira simboliza o gênero humano, enquanto os três anos representam três épocas: a primeira, antes da Lei; a segunda, sob a Lei; e a terceira, sob a Graça. Não é sem moti-

vo que a figueira pode ser vista como símbolo da humanidade. De fato, o primeiro homem, ao pecar, cobriu suas partes vergonhosas com folhas de figueira (Serm. 110,1).

25 de março

Anunciação do Senhor

Lc 1,26-38: O anúncio do anjo a Maria

Era necessário que o nosso Cabeça, com um milagre extraordinário, tomasse a carne de uma virgem, para significar que, na ordem sobrenatural, seus membros também deveriam nascer de uma virgem, isto é, da Igreja. Assim, somente Maria foi mãe e virgem tanto no espírito quanto no corpo: mãe de Cristo, virgem de Cristo. Da mesma forma, a Igreja, nos santos a quem é reservado o Reino dos Céus, é inteiramente mãe de Cristo e virgem de Cristo na ordem espiritual (De Santa Verg. 6,6).

30 de março

4º Domingo da Quaresma

Lc 15,1-3.11-32: Parábola do pai misericordioso

O homem que tem dois filhos representa Deus, que tem dois povos: o filho mais velho simboliza o povo judeu, e o mais novo, o povo pagão. Os bens recebidos do Pai são a alma, a inteligência, a memória, o talento e todas as faculdades que Deus nos concedeu para conhecê-lo e adorá-lo. Depois de receber essa herança, o filho mais novo partiu para uma terra distante, ou seja, chegou ao ponto de esquecer seu Criador. Ele desperdiçou toda a sua herança vivendo de maneira irresponsável, gastando sem adquirir, consumindo o que tinha sem receber o que não tinha. Isso significa que ele esbanjou todo o seu talento

nas dissoluções, nos ídolos e em todas as paixões desonestas, que a Verdade chama de meretrizes (Serm. 112/A,2).

6 de abril

5º Domingo da Quaresma

Jo 8,1-11: A pecadora perdoada

Ouçamos a sentença daquele que é manso e justo: "Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar uma pedra contra ela". Esta é a voz da justiça: que a pecadora seja punida, mas não pelas mãos de pecadores; que a lei seja cumprida, mas não por aqueles que a transgridem. De fato, essa é a voz da verdadeira justiça. E eles, atingidos por ela como por uma flecha poderosa, olharam para si mesmos e, ao se reconhecerem culpados, foram se retirando um por um. Restaram apenas os dois: a miserável e a Misericórdia. E o Senhor, depois de feri-los com a flecha da justiça, não ficou para vê-los cair, mas, desviando o olhar, voltou a escrever no chão com o dedo (In Io. Ev. tr. 33,5).

13 de abril

Domingo de Ramos

Lc 22,14–23,56: A Paixão do Senhor

A paixão de nosso Senhor era necessária para nós; de fato, através da paixão do Senhor, o mundo foi resgatado. Quantos bens nos trouxe a paixão do Senhor! E, no entanto, essa paixão do Justo não teria se cumprido sem os iníquos que o mataram. E então? Será que devemos atribuir aos ímpios que mataram Cristo o bem que recebemos de sua paixão? De modo algum! Eles quiseram matar, mas Deus permitiu. Eles já seriam culpáveis mesmo que apenas tivessem tido essa intenção; quanto a Deus, porém, Ele não teria permitido o crime se isso não fosse justo (Enarr. in Ps. 61,22).

20 de abril

35

Domingo de Pásqua

Jo 20,1-9: Os discípulos e o sepulcro vazio

Não é grande coisa crer na morte de Cristo. Até os pagãos, os judeus e todos os ímpios creem nisso. Que Ele morreu, todos acreditam; mas a fé do cristão está na ressurreição de Cristo. Esse é o nosso sinal distintivo: crer que Cristo ressuscitou. Foi, portanto, naquela hora que Ele quis ser visto passando: quando ressuscitou. Foi então, nesse momento de passagem, que Ele quis que se crese Nele, pois, entregue ao suplício por nossos pecados, ressuscitou para nossa justificação (Enarr. in Ps. 120,6).

27 de abril

2º Domingo de Pásqua

Jo 20,19-31: A aparição de Cristo ressuscitado aos discípulos reunidos

Eles pensaram ter visto um espírito. Também os maniqueus acreditam nisso, que Cristo fosse um espírito, que não fosse carne. Se fosse verdade que Cristo queria que seus discípulos estivessem nesse nível de conhecimento, fique também você nesta crença; se acredita que Cristo fosse apenas espírito e aparecesse como um fantasma, isto é, que não houvesse carne verdadeira em Cristo, então também os discípulos antes acreditaram nisso. Você foi ferido na sua fé como os discípulos, agora, junto com eles, seja curado (Serm. 375/C,3).





ALGUMAS FOTOS partilhando um pouco da nossa vida



Encontro dos frades do Brasil e do Paraguai



De **6 a 10 de janeiro**, os confrades do Brasil e do Paraguai se reuniram em Toledo, Brasil, para o 43º Encontro dos Religiosos na Comunidade Santa Mônica, com o objetivo de refletir sobre temas atuais e fortalecer os laços comunitários.

O Prior provincial, Fr. José Valnir da Silva, acolheu a Profissão de fé e o Juramento de fidelidade dos Priores locais, tornando executiva a designação das Comunidades religiosas e a formação das Casas. O encontro incluiu momentos de formação, oração e programação das atividades para 2025.



Encontro dos frades da Ásia



De **7 a 9 de janeiro**, os confrades da Ásia se reuniram em Cebu City, nas Filipinas, para o seu encontro anual. O evento ofereceu momentos de formação sobre temas inovadores, incluindo a inteligência artificial e suas implicações éticas e pastorais, além de espaços dedicados ao diálogo comunitário. Não faltaram momentos de oração, reflexão e lazer, fortalecendo assim os laços fraternos.



Fr. César pároco em Ramos



O Bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro, Dom Antônio Catelan, presidiu no dia **2 de fevereiro** a Missa de posse canônica do novo pároco da Paróquia de Santa Rita dos Impossíveis, em Ramos, Rio de Janeiro: Fr. César de Souza Gonçalves, que assumiu oficialmente a

missão de guiar a comunidade paroquial, recebendo o apoio da comunidade religiosa e dos fiéis presentes. A cerimônia foi marcada por momentos de oração e acolhimento, reforçando o compromisso pastoral e espiritual do novo pároco com a Paróquia.

Fr. Evandro pároco em Colíder



No dia **2 de fevereiro**, o Bispo de Sinop, Dom Canísio Klaus, presidiu a Missa de posse do novo pároco da Paróquia Papa São João XXIII, em Colíder, Fr. Evandro Favero, que foi acolhido juntamente com Fr. Alexandre Gregorek, novo Vigário paroquial, e o Diácono Fr. Milciades Gauto Armoa, que oferecerá seu apoio nas atividades pastorais da Paróquia.

A cerimônia foi vivida com grande participação e espírito de comunhão por parte dos confrades, fiéis, colaboradores e paroquianos para dar continuidade ao trabalho pastoral e vocacional que a comunidade realiza no vasto território matogrossense.





Dia da Vida Consagrada em Roma

No dia **2 de fevereiro**, o Prior geral, Fr. Nei Márcio Simon, participou do encontro dos consagrados em Roma, realizado na Catedral de São João em Latrão, por ocasião da festa da Apresentação de Jesus no Templo. O encontro de oração e reflexão reuniu inúmeras pessoas consagradas, celebrando o dom da consagração e renovando o compromisso de serviço na Igreja..



Jornada de retiro em Bafut

No dia **6 de fevereiro**, os confrades da comunidade de Bafut, em Camarões, acolheram em nossa casa religiosa alguns sacerdotes diocesanos de Bamenda para um dia de retiro, com momentos de oração, reflexão e fraternidade, fortalecendo o vínculo entre os religiosos e o clero no caminho de fé e serviço à Igreja, especialmente neste ano jubilar.

Fr. Getulio pároco em Nova Londrina

No dia **7 de fevereiro**, Fr. Getulio Freire Pereira assumiu o ofício de pároco da Paróquia São Pio X em Nova Londrina, acompanhado por Fr. Francisco Ferreira como Vigário paroquial. A Missa de posse foi presidida pelo Bispo de Paranavaí, Dom Mário Spaki, em um clima de fé e comunhão, marcando o início de uma nova fase pastoral para a comunidade. Após a celebração, os membros da comunidade se reuniram para um momento de fraternidade com um coquetel, acolhendo a nova missão pastoral dos confrades.



Prior provincial na Índia

39

Durante a sua visita à Índia, no dia **14 de fevereiro**, o Prior provincial da Província Saint Nicholas of Tolentino, Fr. Crisologo Suan, encontrou-se com o Bispo de Kannur, Dom Alex Joseph Vadakumthala, junto aos confrades da nossa comunidade religiosa. O



encontro, marcado por um clima de fraternidade e diálogo, representou uma importante oportunidade para fortalecer nossa futura presença na Diocese e aprofundar as perspectivas pastorais da comunidade religiosa, que está adquirindo um terreno para, futuramente, construir uma casa religiosa.



Prior provincial nos Camarões

Durante sua visita ao Camarões no mês de **fevereiro**, o Prior provincial da Província Madre del Buon Consiglio, Fr. Jan Derek Sayson, encontrou-se com nossos confrades da Comunidade de Bafut; o Arcebispo de Bamenda, Dom Andrew Nkea; o grupo das Terciárias; as professoras e as crianças da Saint Joseph Primary School. Sua visita representou um sinal de proximidade e apoio à vida e às atividades dos confrades e leigos envolvidos no serviço pastoral e educativo.

Transferência para a nova casa em Ho Chi Minh City

No dia **15 de fevereiro**, os confrades da comunidade Mons. Ilario Costa se transferiram para a nova casa religiosa. A Ordem havia chegado à cidade em 2009, iniciando o trabalho formativo e pastoral e residindo em uma casa alugada. Após anos de empenho e graças à colaboração de numerosos benfeitores, a nova casa foi finalmente construída e acolheu os confrades.





des e os aspirantes que estudam filosofia.

A bênção e inauguração da casa estão marcadas para o próximo dia 19 de março, marcando assim um momento de grande alegria e esperança para a comunidade e os benfeitores, que agora dispõe de uma sede própria para a oração, formação e vida fraterna.



100º aniversário de nascimento do Servo de Deus Fr. Angelo Carù



No dia **17 de fevereiro**, na Igreja Matriz da Paróquia de Ampére, o Prior provincial, Fr. José Valnir da Silva, presidiu a Missa em comemoração ao 100º aniversário do nascimento do Servo de Deus Fr. Angelo Possidio Carù.

60º aniversário da Ordenação do Fr. Angelo Grande



No dia **21 de fevereiro**, na Casa San Lorenzo Martire de Acquaviva Picena, onde foi noviço em 1957, às 8h, Fr. Angelo Grande, assistido pelos confrades, celebrou sua Missa de número 21.900 em agradecimento ao Senhor pelo 60º aniversário de sua ordenação sacerdotal.

O confrade foi ordenado sacerdote em Roma por Dom Giovanni Canestri, então Vicegerente de Roma, na Igreja de Sant'Agata dei Goti, juntamente com Fr. Pietro Scalia e Fr. Giacomo Anziani, que foram lembrados na oração durante a Missa.

Fr. Angelo serviu por muitos anos à Ordem na Curia Geral, exercendo os cargos de Vigário, Definitório e Postulador; presidiu três Capítulos gerais e foi Comissário da antiga Província genovesa. Contribuiu para a formação religiosa como Mestre de Aspirantes, Noviços e Professos. Por vários anos, também serviu à Igreja trabalhando no Arquivo da Secretaria de Estado do Vaticano.



Fr. Marcelo pároco em Yguazú

No dia **22 de fevereiro**, às 19h, a Paróquia San José Obrero, em Yguazú (Paraguai), celebrou a posse do Fr. Marcelo Leandro como novo Pároco.

A cerimônia, marcada pela fé e comunhão, reuniu fiéis e membros da comunidade e foi presidida pelo Vigário Episcopal, Pe. Dario Solorzano, que conduziu o rito de posse com palavras de boas-vindas e bênção ao

novo pároco.

A Missa foi concelebrada pelo Prior provincial, Fr. José Valnir da Silva, juntamente com Fr. Joacir Chiodi e Fr. Valdecir Soares, que, durante a celebração, foram apresentados à comunidade paroquial como novos Vigários. Este momento fortaleceu o compromisso pastoral e promoveu um espírito de comunhão e renovação na missão de servir a Deus e ao seu povo segundo o nosso carisma: felizes por servir ao Altíssimo com espírito de humildade.

Fr. Osmar paróco em Salgado Filho

No dia **22 de fevereiro**, às 19h, durante a Missa dominical, ocorreu a cerimônia de posse do novo pároco da Paróquia São Francisco de Assis, na Diocese de Palmas e Francisco Beltrão. A Paróquia abrange os municípios de Salgado Filho e Manfrinópolis e possui um campo missionário composto por 25 capelas distribuídas entre as duas localidades.

A celebração foi presidida pelo Bispo diocesano, Dom Edgar Xavier Ertl, e contou com a presença de vários confrades: Fr. Darci Przyvara, Vigário Provincial e representante do Prior provincial, Fr. José Arnaldo Schott, Fr. Gelson Lazarin dos Santos, Fr. Mikael Mezzomo e Fr. Leandro Xavier Rodrigues, a serviço da Ordem na Itália.





Ritiro dos aspirantes em Toledo



No dia **28 de fevereiro**, foi realizado o retiro dos aspirantes estudantes de filosofia da Comunidade Santa Mônica, em Toledo, sob a orientação do Fr. Joacir Chiodi, por ocasião do início do ano letivo de 2025. Durante esse evento significativo, os aspirantes tiveram a oportunidade de aprofundar seu caminho espiritual e formativo à luz de nossa espiritualidade.

Olimpiadas em Butuan City



De **25 a 28 de fevereiro**, os confrades asiáticos da Província Saint Nicholas of Tolentino se reuniram em Butuan para as Olimpíadas, um evento especial que acontece a cada dois anos e envolve todos os membros da Província em um clima de esporte e fraternidade. Divididos em quatro equipes, os confrades competiram em diversas modalidades, como futebol, vôlei, basquete e muitas outras, demonstrando dedicação, espírito de equipe e uma competição saudável. O encontro não foi apenas uma oportunidade para testar habilidades esportivas, mas também um momento partilha.

Fr. Moacir pároco em Araucária



No dia **28 de fevereiro**, Fr. Moacir Chiodi tomou posse canônica oficialmente da Paróquia Senhor Bom Jesus, em Araucária, assumindo a liderança da comunidade em uma cerimônia marcada por um clima de oração e pela participação dos fiéis.



Fr. Nei Márcio Simon, oad
@freineisimon

MENSAGEM DO PRIOR GERAL

os votos como identidade agostiniana

Caros confrades, afiliados e amigos, refletindo sobre o tema que dominou todos os artigos desta edição de nossa revista, fico profundamente tocado ao observar os religiosos que, através da profissão dos conselhos evangélicos, junto com todos aqueles que professam votos ou outros vínculos de consagração a Deus, pertencem à vida consagrada.

A Igreja, com sabedoria, interpretou essa vida e produziu o *Código de Direito Canônico*, que serve como um excelente guia e iluminação para todos os fiéis, não apenas para os consagrados, em sua peregrinação terrena rumo ao Céu.

Nós, Agostinianos Descalços, através da profissão dos votos, acrescentando o

de humildade, que caracteriza nossa identidade específica, fazemos parte dessa extraordinária porção do povo de Deus constituída pelos consagrados.

Agradeço e louvo ao Senhor pelo chamado que fez a mim, aos meus confrades e a todos os consagrados. Peço a graça da fidelidade ao conteúdo dos votos professados, uma fidelidade criativa e aberta à luz do Espírito Santo, capaz de gerar a alegria da perseverança.

Este é o meu desejo para todos os consagrados. Que sua resposta generosa ao chamado divino seja um incentivo e um estímulo para que possamos caminhar juntos e com alegria rumo a Deus.

